

DATAÇÃO DAS MAMOAS DO ALTO DA PORTELA DO PAU (PLANALTO DE CASTRO LABOREIRO, CONCELHO DE MELGAÇO)*

por

Vítor Oliveira Jorge** & Fernán Alonso Mathias***

Como é frequente acontecer num processo de investigação, cada vez que se obtêm mais dados não se resolvem as perguntas anteriores, mas o panorama das questões complexifica-se. O gozo do conhecimento não está tanto na resolução de problemas, como no seu desdobramento constante; e, no entanto, essa deambulação é o contrário da futilidade. É o exercício da convivência com a realidade complexa que entretecemos, e que desafia o nosso olhar interrogante.

Abandonamos os sítios arqueológicos, não sem nostalgia, no fim de cada campanha de escavações; mas o processo de pesquisa continua, interminável. O investigador que trabalha em zonas remotas, como é a Serra da Peneda, não pode ali volver constantemente, dada a inacessibilidade do local; mas tem a tendência a lá regressar mentalmente, atraído pelo terrível enigma do sítio que estuda, cômescio de que a maior parte das coisas que poderia observar lhe escaparam, apesar de todo o esforço de atenção dispendido. O “cientista”, que o ajuda no seu laboratório, é cúmplice dessa atitude de prolongamento, por tempo indeterminado, das interrogações que um lugar arqueológico suscita.

* Os autores agradecem a colaboração do Eng^o A. Monge Soares, do ITN, Sacavém (onde as amostras com a sigla SAC foram analisadas) e IPA, Lisboa.

O leitor não estranhará que este trabalho, de carácter técnico, e temática muito específica, se insira numa revista com a linha editorial dos actuais TAE, se se recordar que os trabalhos arqueológicos realizados em Castro Laboreiro entre 1992 e 1994 resultaram de um protocolo de colaboração entre o PNPg e a SPAE. Sendo os TAE o órgão científico da SPAE, eles devem reflectir os resultados alcançados por projectos efectuados pela Sociedade. Recordar-se que as escavações foram dirigidas por um dos autores (VOJ), coadjuvado por Eduardo Jorge L. da Silva (Univ. Portualense), António Martinho Baptista (PNPg; actualmente no CNART, IPA) e Susana Oliveira Jorge (FLUP). Os resultados globais dos trabalhos de campo foram publicados no livro, da autoria dos seus quatro responsáveis, intitulado *As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço). Trabalhos de 1992 a 1994*, Porto, SPAE, 1997, col. “Textos”, 2.

** Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da U. P. E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

*** Instituto de Química Física “Rocasolano” (Madrid). E-mail: f.alonso@iqfr.csic.es

Nesta nótula damos conta do conjunto de datas que actualmente possuímos para carvões recolhidos no âmbito das escavações das mamoa do Alto da Portela do Pau, um núcleo pertencente à grande necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro, na fronteira do Norte de Portugal com a Galiza. Sete delas já tinham sido publicadas e comentadas anteriormente (v. primeira nota de rodapé*); as restantes nove estavam inéditas, tendo sido produzidas nos laboratórios de Madrid e de Sacavém em 1998. Talvez algumas novas ideias possam assim ser rapidamente equacionadas.

Dessas datas, uma (CSIC-1003) está isolada (isto é, é a única produzida para carvões recolhidos na estação respectiva), e provém da zona basal do **monumento nº 1**, não se podendo ter a certeza de qual a sua relação com este (anterioridade bem marcada, tal como sugerimos em trabalhos anteriores, ou imediata, resultante de uma acção prévia à construção, mas não muito distante dela no tempo).

As datas relativas à pequena **mamoia 3** são muito coerentes entre si (se exceptuarmos CSIC-1361) situando-se na segunda metade do Vº milénio BC, e tendencialmente nos seus últimos séculos (calibração a dois sigmas). De acentuar que provém de uma área bem definida do monumento: do quadrado E11 (5 delas, dizendo respeito uma 6ª e uma 7ª aos quadrados contíguos E10 e F11, respectivamente), num “nível” com uma espessura máxima de 20 cm., situado entre 2,20 m. e 2,40 m. de profundidade em relação ao nível 0 convencional¹. Essa área correspondia à periferia leste do anel lítico central do monumento; elementos (i.e., pedras) deste anel tinham-se claramente sobreposto ao nível de acumulação de carvões, como se pode verificar na respectiva publicação (Jorge *et al.*, 1997, ests. LXX e LXXII). Consideramos pois estas datas como um muito provável *terminus post quem* para o monumento, pelo menos na sua forma acabada de pequeno *tumulus*.

Recolheu-se a maior quantidade possível de carvões nessa área, que contrastava com outras zonas contíguas ao anel, ou sobrepostas por ele, em que, nos sectores escavados, tal acumulação de carvões não se revelou. **Houve portanto uma manifesta escolha da zona queimada, localizada para leste (lado nascente) do ponto axial da estrutura.** Essa “queimada” foi feita antes da erecção do monumento, como se tem afirmado; ou então – é uma outra hipótese – quando a zona central dele, possivelmente funerária, não teria ainda sido envolvida pela mamoa na sua forma definitiva. E, assim, **este nível de carvões poderia ter relação com ritos praticados no local antes deste ser “fechado”, tal como teria acontecido em monumentos propriamente megalíticos, como a contígua mamoa 2.**

As datas obtidas para esta última – magnífico dólmen ornamentado com finíssimas gravuras e restos de pintura² – escalonam-se num tempo mais longo, que cobre a segunda

¹ Este nível 0, válido para os monumentos 2 e 3, corresponde ao topo de uma estaca implantada no ponto mais alto da mamoa 2, e emergindo desta c. de 15 cm.

² Seria urgente proceder à cobertura da câmara, restaurada por nós em 1994, com uma nova tampa, quer megalítica (o que poderia até proporcionar uma interessante realização de arqueologia experimental), quer (no caso da primeira solução ser impossível) por meio de outro tipo de cobertura mais “artificial”, mas estável (placa de betão com um peso e forma não muito diferentes dos que presumivelmente teria o chapéu da anta original?). Se tal se não fizer, as magníficas gravuras desta anta desaparecerão para sempre em poucos anos, à semelhança do que deve ter acontecido em tantos outros monumentos hoje considerados como desprovidos de “arte megalítica”. Aqui deixamos um alerta às entidades competentes, quer a nível nacional (IPA, IPPAR, ICN), quer local (PNPG, Câmara Municipal de Melgaço), para que não sejamos coniventes de mais um acto de desleixo em relação ao nosso património megalítico, que ainda por cima, neste caso, ajudámos a descobrir e valorizar.

metade do Vº milénio BC e os primeiros séculos do IVº milénio BC (sempre em datas calibradas a dois sigma). Referem-se a carvões também provenientes de uma zona bem precisa do monumento, mas de interpretação mais difícil do que no caso anterior.

Essa zona localiza-se no exterior da câmara, entre o esteio 1, o esteio 7, e o lajeado basal conservado para leste (seis datas para amostras do quadrado O7, uma para o P7, e outra que contém carvões oriundos de uma zona situada no limite das suas quadrículas) (v. obra citada, ests. XXXV e XXXVI) e corresponderia à área onde teria existido um pequeno vestíbulo, marcado por dois ortostatos mais pequenos do que os esteios do dólmen, e de que ainda se encontraram restos deslocados.

Trata-se de um sedimento que apresentava grande concentração de carvões, sedimento esse com c. de 20 a 25 cm. de espessura, situado a cotas de 2,60 m. a 2,85 m. (sempre em relação ao nível 0 convencional). Como explicar uma tão grande amplitude temporal para que as datas obtidas parece apontarem?

Das duas, uma:

– ou no sedimento compacto ficaram misturados carvões existentes na zona antes da construção da anta/mamoia, com outros produzidos durante a “vida” do monumento, nomeadamente antes da sua “condenação” definitiva por uma espessa estrutura de pedras e terra; neste caso valorizaríamos as datas mais recentes, já da primeira metade do IVº mil. BC, correspondentes ao fim da utilização do monumento (*terminus ante quem*), não podendo determinar quando ele teria sido construído;

– ou nesta pequena área que marcava o limiar de entrada na câmara foram produzidas fogueiras ao longo de vários séculos, talvez 500 anos ou mais, e nesse caso a anta teria sido construída em fase antiga (genericamente coeva do seu “satélite”, ou mamoa nº 3) e só teria sido “condenada” umas centenas de anos mais tarde. Teria possivelmente estado “aberta” durante vários séculos.

Parece-nos mais verosímil a segunda hipótese, fundamentalmente pelas observações realizadas no terreno. A área de onde provêm os carvões era bem delimitada, compacta, homogénea, parecendo poder resultar de fogueiras sucessivamente feitas na zona vestibular da câmara.

Se esta hipótese correspondesse à realidade, é interessante pensar como um monumento tão pequeno (em termos europeus) podia ser alvo, durante séculos, de uma repetição dos mesmos (?) ritos, como seriam as fogueiras feitas na sua zona de entrada, zona de transição por excelência entre o “mundo profano exterior” e o “mundo sagrado do interior” da câmara ricamente ornamentada, para conceptualizar tal hipótese segundo o nosso ponto de vista contemporâneo. A escassez do espaço funerário *versus* o tempo em que tal espaço foi venerado e/ou utilizado, parece sugerir, mais uma vez, que só uma fracção da população era enterrada nestas “criptas” megalíticas, que seriam a excepção, e não à regra, do modo de sepultar as pessoas durante o Neolítico pleno/final.

Para completar a nossa visão possível das coisas, e sem que tal fosse probatório da segunda hipótese, haveria agora, todavia, que cotejar o que escrevemos com os dados das análises antracológicas, em curso, para sabermos se as madeiras queimadas pertencem a uma ou várias espécies, e se estas apontam para espécies locais e/ou para plantas trazidas intencionalmente para o sítio para ali serem queimadas (como parece, por ex., ter acontecido na Aboboreira, com o nível de carvões subjacente ao *tumulus* da Mamoa 4 de Chã de Parada).

Os quadros que se seguem ilustrarão melhor os dados expostos, ajudando os colegas a formarem o seu juízo sobre os resultados produzidos. Tal como na necrópole pré-histó-

rica da Aboboreira (distrito do Porto)³, e depois noutros lugares do Noroeste peninsular, fica mais uma vez provado que, apesar do método do C14 ter um “grão grosso” de resolução, os monumentos tumulares nos fornecem elementos crono-estratigráficos de apreciável precisão, dentro das limitações actuais. Vale a pena estudá-los – por esse e por outros motivos – apesar da escassez de “oferendas funerárias” que contêm⁴.

³ Repare-se, por ex., como os dados cronométricos do dólmen de Dombate (Corunha, Galiza), magnificamente escavado por J. M. Bello Diéguez, confirmam plenamente os elementos obtidos num dólmen de corredor da Aboboreira como Chã de Parada 1 (v. por ex. Fernán Alonso Mathías & José M.ª Bello Diéguez, “Cronología y periodización del fenómeno megalítico en Galicia a la luz de las dataciones por carbono 14”, *O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela, Universidade, 1997, pp. 507-520).

⁴ Permitimo-nos aconselhar os colegas a estudarem detidamente, a partir de múltiplas publicações realizadas, e da visita aos próprios locais, o que se vem fazendo desde há 20 anos (1978-1998) na Serra da Aboboreira, e ulteriormente na Beira Alta (aqui, graças em grande parte ao esforço de Domingos Cruz), por forma a evitar alguns juízos críticos, manifestamente precipitados (porque, se o não fossem, seriam benvindos), como os que Victor Gonçalves e Ana C. Sousa emitem, a pp. 631 do livro citado na nota anterior, ao escreverem: “Quanto ao Norte do país, a grande acumulação de datas, devido às características específicas dos contextos que datam (quase total ausência de espólios, nenhum reconhecimento de ritos funerários), é praticamente inusável, uma vez desconhecermos realmente o que datamos: momentos anteriores à construção dos monumentos, morfologias de câmaras, extensões de corredor, estruturas tumulares?”.

Para nos restringirmos apenas à Aboboreira, é óbvio que em muitos casos foi possível datar um nível de carvões subjacente ao *tumulus*, e noutros, mesmo, lareiras estruturadas imediatamente sobrepostas pela mamoa, representando portanto um *terminus post quem* para a sua construção. Essa situação é rara a nível europeu, e extremamente importante. Num sítio como a Mina do Simão, com uma câmara fechada barquiforme, perfeitamente caracterizada tipologicamente, e contendo “espólio” interessante (objectos de pedra polida votivos), foi mesmo possível datar o topo do solo antigo e o interior da base da câmara, de um modo completamente coerente. Desconhecer isto é desconhecer um dos dados mais importantes da cronometria do megalitismo peninsular e europeu.

Alguns autores têm levantado dúvidas – mais interessantes – quanto ao significado de datas provenientes do topo de camadas subjacentes às mamoas da Aboboreira. Dizem (ou escrevem) eles que tais níveis poderiam ter sido alvo de remeximentos, não correspondendo ao topo de solos antigos, mas constituindo elementos revolvidos localmente. Temos de observar a esse respeito que:

– as lareiras estruturadas, como a de Chã de Parada 4, ou bem conservadas, como as de Chã de Santinhos, para dar apenas alguns exemplos, foram claramente sobrepostas pelas mamoas num lapso de tempo curto, pois de outra forma a erosão não as teria poupado;

– os solos anteriores às mamoas estão longe de ser paleosolos intactos, mas o que temos afirmado é que, em termos estratigráficos, são inequivocamente sobrepostos pelos montículos tumulares. As datas obtidas correspondem portanto, como no caso das lareiras, a um *terminus post quem* dos monumentos. Ora, em alguns (ou até todos!) casos esses solos antigos poderiam ter tido a sua superfície revolvida, com ablação, por ex., do horizonte superior; mas tal não obstava a que, ulteriormente, e logo antes de erigido o montículo, ali tivessem sido feitas lareiras (estruturadas ou não!) ou ali se tivessem praticado queimadas (com arbustos residuais e/ou com plantas acumuladas no local). O que é um facto indesmentível é que, subjacentemente às mamoas, aparecia em muitos casos (Mina do Simão, Chã de Parada 4, Chã de Parada 3, etc., etc.) um nível escuro, bem definido, com carvões abundantes, que nos deram as datações das mamoas. Se esse nível não correspondia ao topo do solo antigo, mas a uma queimada intencional de plantas, a razão da nossa interpretação aumenta, não diminui.

Bem ao contrário do que exprimem V. Gonçalves e colaboradora, ao datas do Norte de Portugal não são inusáveis – têm sido *sistematicamente usadas* desde os anos oitenta, e ainda bem, pelos nossos colegas galegos, para estabelecerem a cronologia do megalitismo do Noroeste peninsular, agora corroborada por trabalhos de escavação sérios e sistemáticos como os de Dombate, entre outros. No dia

Assim nos iremos afastando cada vez mais da persistente tradição da “arqueologia dos antiquários”, sedentos de belas peças, mesmo que isentas de contexto, para uma arqueologia científica, que disseca e descreve as estruturas, ou outras formas, com a frieza rotineira do naturalista, o qual sabe adiar a emoção até ao momento em que as ideias, mais fascinantes do que as coisas, emergem com algum sentido de entre o caos das observações. É que essa frieza, essa distanciação, é apenas um patamar superior de sensibilidade.

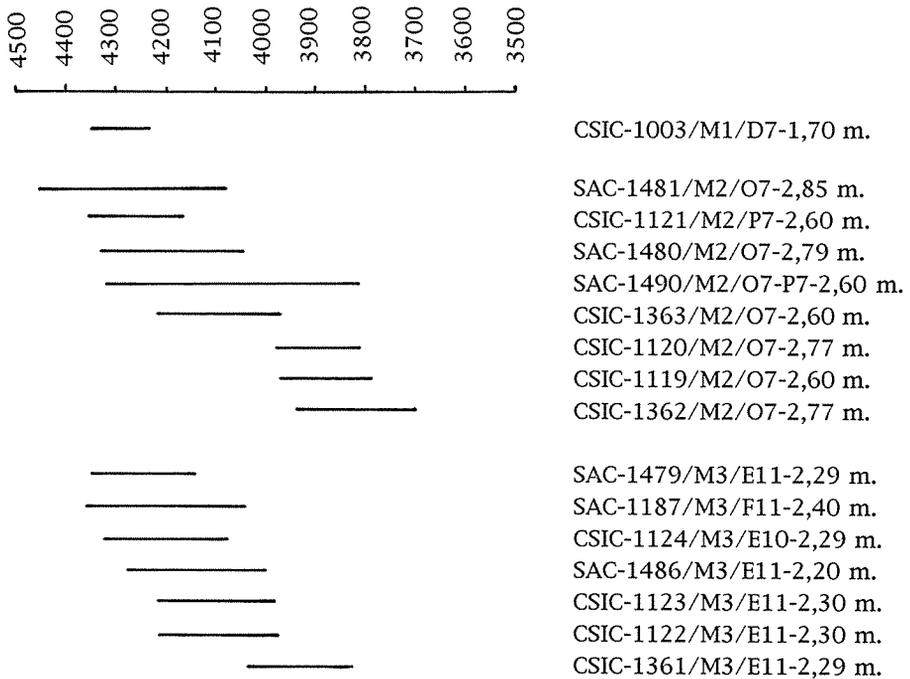
em que na Galiza se escavar e publicar sistematicamente uma necrópole, e não apenas monumentos isolados, no dia em que se passar da prospecção e de trabalhos de emergência a uma verdadeira investigação programada, ver-se-á ainda melhor como os dados recolhidos na Aboboreira, em Castro Laboreiro, em Trás-os-Montes ou na Beira Alta serão tão importantes para o relançamento da problemática do megalitismo. Problemática que só ganhará com um maior intercâmbio dos investigadores do Norte e do Sul da península, que não podem continuar a trabalhar como se se dedicassem a assuntos independentes.

QUADRO 1

MAMOA	PROVENIÊNCIA DA AMOSTRA	REFERÊNCIA LABORATÓRIO	DATA BC
1	Carvões sob pedras do lajeado basal	CSIC-1003	4348-4231
2	Nível compacto de carvões, à entrada da câmara	SAC-1481	4453-4083
2	Idem	CSIC-1121	4350-4160
2	Idem	SAC-1480	4330-4044
2	Idem	SAC-1490	4323-3812
2	Idem	CSIC-1363	4220-3973
2	Idem	CSIC-1120	3980-3810
2	Idem	CSIC-1119	3970-3790
2	Idem	CSIC-1362	3937-3701
3	Nível de carvões subjacente ao anel central do <i>tumulus</i>	SAC-1479	4351-4148
3	Idem	SAC-1487	4358-4040
3	Idem	CSIC-1124	4330-4080
3	Idem	SAC-1486	4331-4006
3	Idem	CSIC-1123	4220-3990
3	Idem	CSIC-1122	4220-3980
3	Idem	CSIC-1361	4040-3827

QUADRO 2

Datas BC, calibradas a 2 sigma. À direita: indicação de cada amostra, mamoa a que corresponde, e localização precisa (quadrado e profundidade em rel. ao nível 0 convenc.).



QUADRO 3

Na última coluna estão indicadas as médias ponderadas das datas estatisticamente semelhantes.

MAMOA	REFERÊNCIA	EDAD CARBONO-14 años BP	EDAD CALIBRADA cal BC*	MEDIA PONDERADA cal BC**
2	CSIC-1362	5003±34	3937-3701	3950-3780 (1,00)
2	CSIC-1119	5087±34	3970-3790	
2	CSIC-1120	5131±28	3980-3810	3990-3940 (0,95) 3840-3820 (0,05)
3	CSIC-1361	5177±30	4040-3827	
2	CSIC-1363	5243±41	4220-3973	4220-4200 (0,13) 4150-4120 (0,12) 4090-3999 (0,75)
2	SAC-1490	5250±90	4323-3812	
3	CSIC-1122	5253±28	4220-3980	
3	CSIC-1123	5274±29	4220-3990	
3	SAC-1486	5350±60	4331-4006	4338-4280 (0,65) 4265-4230 (0,37)
2	SAC-1480	5360±50	4330-4044	
3	CSIC-1124	5368±36	4330-4080	
3	SAC-1487	5400±70	4358-4040	
3	SAC-1479	5420±45	4351-4148	
2	CSIC-1121	5435±44	4350-4160	
2	SAC-1481	5440±70	4453-4083	
I	CSIC-1003	5440±35	4348-4231	

* Programa CALIB 3.03, curva bidecadal, método B, 2 sigma.

** Programa OXCAL 2.18, 2 sigma.

